

A Identidade Feminina em Clarice Lispector Jornalista

Lívia de Pádua NÓBREGA; Goiamérico Felício Carneiros dos SANTOS.
Mestrado em Comunicação. Linha de Pesquisa Mídia e Cultura. Faculdade de
Comunicação e Biblioteconomia (Facomb). Universidade Federal de Goiás (UFG).

jornalistalivia@yahoo.com.br

Trabalho financiado por bolsa CAPES.

Palavras-chave: Gênero; Imprensa; Masculinidades; Mídia.

Introdução

O presente artigo trata das relações de gênero expressas – explícita ou implicitamente – em colunas que Clarice Lispector escreveu sob pseudônimos para três diferentes periódicos brasileiros, sendo eles: o semanário *Comício*, em que atuou de maio a setembro de 1952 como Tereza Quadros, resultando em 17 edições da coluna *Entre Mulheres*. Posteriormente, no *Correio da Manhã*, as quartas e sextas-feiras de agosto de 1959 a fevereiro de 1961 como Helen Palmer, somando um total de 128 edições da coluna *Correio Feminino: Feira de Utilidades*. Simultaneamente, contribuiu para o tablóide *Diário da Noite*, de segunda-feira a sábado de abril de 1960 a março de 1961 como *ghost-writer* da atriz Ilka Soares, totalizando 291 edições de *Só para Mulheres*.

Dado o *corpus* de trabalho, analisar-se-á tais textos mapeando a identidade feminina proposta nas colunas para entrever de que forma a mídia impressa atuou como mecanismo disciplinar da vida cotidiana ao elencar por meio das colunas os comportamentos considerados adequados e inadequados para as mulheres. Desse modo, a imprensa feminina divulgava um modelo de papéis de gênero considerado ideal para manter uma virtual ordem de equilíbrio entre a esfera pública – palco da atuação masculina na sociedade – e a esfera privada – que englobava a vida doméstica conduzida pela mulher.

Coloca-se tal ordem como virtual dado que, não se pode afirmar que a totalidade das mulheres orientavam seus modos de vida de acordo com o perfil indicado pelas colunas, havia é claro espaços alternativos, como a existência de colunas femininas contra-hegemônicas que incitavam a emancipação. O que se quer

dizer com virtual é que a tônica da imprensa feminina em geral era guiada pelo pensamento que excluía a mulher da vida pública e colocava o homem como provedor natural da casa, enquanto afeito a essa esfera pública de atuação. A imprensa feminina alternativa não chegou a alcançar um grande número de leitoras no país devidos às pequenas tiragens e restrita circulação.

Materiais e Métodos

O projeto se desenvolverá sob a metodologia analítico descritiva, em que a bibliografia escrita sobre o tema é utilizada como base principal para esclarecimento da questão problema, com consequente corroboração ou negação das ideias propostas. Desta forma, recorrer-se-á a autores que discutiram em livros, artigos, revistas e outros meios, acerca das questões propostas para análise no projeto.

Na medida em que tais colunas foram reunidas na pesquisa dos originais em acervo por Aparecida Maria Nunes e disponibilizadas nas coletâneas, *Correio Feminino* (2006) e *Só para Mulheres* (2008), o presente projeto fará a pesquisa documental desses textos (LAKATOS; MARCONI, 1990), considerando que a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias.

A pesquisa empírica observará esse material de forma qualitativa com as técnicas da Análise de Discurso, baseada principalmente em Eni Puccinelli Orlandi (1996; 2001) que trata da análise discursiva baseada na corrente francesa.

O olhar para essas colunas será embasado pela crítica feminista, que se utiliza de categorias como, gênero, identidade e mulher, para questionar uma ordem vista como vigente e hegemônica na sociedade.

Resultados

Entre os resultados esperados está a confirmação de que a mídia imprensa dedicada às mulheres nos séculos XIX e XX pode ser vista como uma instância regulatória que reforçou a divisão dos papéis de gênero por meio das colunas.

Faz-se necessário contextualizar os textos analisados na época em que foram escritos – décadas de 50 e 60 do século passado. No referido período, a lógica predominante no imaginário coletivo da época era a de que “O status secundário

feminino na sociedade é uma das verdades universais, um fato pan-cultural” (ORTNER, 1979, p. 95). Sendo esse o pensamento vigente da sociedade nesse determinado recorte temporal, divulgar as noções das colunas de que a mulher deveria ser a rainha do lar, enquanto ao homem cabia o papel de provedor natural da casa, não era nada mais que propagar um tipo de pensamento já corrente naquela época. Assim, na medida em que as colunas não pretendiam configurar-se como um mecanismo de ruptura do pensamento vigente, mas apenas segui-lo, pode-se compreender que, se quisesse ser publicada, Lispector não poderia escrever de outra forma às leitoras, pois o pensamento da época não comportava rupturas radicais para o que até então se entendia como o papel natural de mulheres e homens em sociedade.

A hipótese utilizada para justificar tal situação e que será corroborada ou não no resultado final da pesquisa é que tais colunas estavam delimitadas pelo conceito de consciência possível da época. O conceito de consciência possível (GOLDMANN, 1974) é aplicado para caracterizar o conhecimento da realidade que um determinado grupo detém e que não pode ir senão até um limite máximo compatível com sua existência. “Além desses limites, a informação só poderá passar se conseguir transformar a estrutura do grupo” (GOLDMANN, 1972, p. 12).

Desta forma, em uma sociedade orientada para uma realidade que circunscrevia a mulher à esfera doméstica enquanto reservava ao homem a esfera pública, uma ruptura no pensamento vigente sobre a submissão feminina não seria simples. Assim, as colunas divulgam um modo de ser mulher naturalizado no imaginário do século XX.

Discussão

Na medida em que feminilidade e masculinidade são construções sociais, históricas e culturais, “É preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade” (SAFFIOTI, 1999, p. 160).

Dessa forma, a mídia por meio da imprensa feminina, realizava nas colunas uma pedagogia da mulher. Uma vez que a noção de identidade engloba relações de alteridade, as páginas femininas efetivavam essa alteridade ao contrapor as

posturas e comportamentos consideradas ideais para mulheres *versus* as condutas consideradas inadequadas e que deveriam ser evitadas e até mesmo repudiadas.

Os meios de comunicação sempre divulgaram mais que informação, mas também modelos de sujeito que, veiculados pela mídia em novelas, seriados, filmes e textos, oferecem possibilidades de identificação ao público. Muitas vezes, esses modelos identitários estão fundados em estereótipos que reduzem a variedade e as diferenças, padronizando comportamentos e sujeitos.

Segundo Freire Filho (2004), estereótipos são padrões amplos de tipificação e representação mediante o qual é possível estruturar e interpretar experiências, eventos e objetos diversificados e complexos. São construções simbólicas enviesadas que atuam como uma forma de impor um sentido de organização ao mundo social. Para o autor: “Os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade do pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração” (FREIRE FILHO, 2005, p. 22).

A imprensa feminina baseou-se em representações distorcidas e deformadas do feminino ao refletir valores sociais dominantes que denigrem simbolicamente a mulher ao apresentá-las em situações ou atividades socialmente desvalorizadas.

Conclusões

A justificativa do projeto dá-se, na medida em que, por mais abundante que sejam os estudos de gênero nas mais diversas esferas, percebe-se na atualidade desses estudos a confirmação de que muita coisa ainda não mudou. Por mais que os discursos não sejam mais explícitos nas tentativas de impor a submissão da mulher ao homem e por mais que se encoraje a participação feminina no mercado de trabalho - até por questões econômicas - ainda é possível entrever na imprensa feminina atual perspectivas que colocam a mulher sempre no ponto de vista relacional. Nas colunas femininas atuais, é possível perceber fórmulas que ainda orientam o comportamento feminino no que este se refere à conquista do homem, o que converte a mulher sempre no outro do homem (BEAUVOIR, 1970). Assim, conclui-se reforçando a pertinência da necessidade de estudos que analisem as relações entre mídia, gênero e poder.

Conclui-se ainda retomando a hipótese do conceito de consciência possível, que se espera que seja capaz de abarcar a explicação do porquê dos discursos das colunas no século XX serem norteadas pelos ideais de submissão feminina. Conclui-se assim que a mídia, no referido recorte temporal da pesquisa, serviu como uma instância regulatória dedicada a colocar mulher e homens, cada um nos lugares convencionados como naturais para cada sexo.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. **O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

FREIRE FILHO, João. Força de Expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, nº 28. Porto Alegre, dezembro de 2005.

_____. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **Eco-Pós**, v.7, nº 2, 2004.

GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**: por uma sociologia da totalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

_____. **Ciências Humanas e Filosofia**: o que é a sociologia? São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

LISPECTOR, Clarice. **Correio Feminino**. NUNES, Maria Aparecida (org). Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____. **Só para Mulheres**. NUNES, Maria Aparecida (org). Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Loise (orgs). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. Primórdios do conceito de gênero. **Cadernos Pagu** (12). Campinas, SP: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1999.